
APONTAMENTOS TEÓRICOS ACERCA DAS MÍDIAS NEGRAS NO CONTEXTO DO *BIG DATA*¹

Jonas Pinheiro²

RESUMO

Este artigo tem como proposta fazer apontamentos teóricos acerca das chamadas mídias negras, dentro de um contexto de acumulação e produção de dados gerados pelas relações digitais das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), que tem sido chamado de Big Data. As chamadas mídias negras são veículos de comunicação que nascem de um histórico de produções que ficaram conhecidas ao longo da história do Brasil como imprensa negra. O objetivo é, portanto, entender como essas mídias se situam dentro deste contexto.

PALAVRAS-CHAVE: Mídias Negras; Big Data; Capitalismo de Vigilância; Colonialismo de dados.

Introdução

A imprensa negra é um importante movimento histórico da comunicação que foi utilizada como ferramenta de luta social. Tratam-se de pessoas negras que através dos meios de comunicação, buscavam o direito de “falar” e incidir politicamente, algo que devido aos contextos e processos sociais e estruturais oriundos do racismo lhes era negado. No Brasil, desde antes mesmo do que é considerado o surgimento oficial da Imprensa no Brasil (1808), estima-se que os afro-brasileiros já se utilizavam dessa ferramenta como instrumento de luta. (PINTO, 2006)

Com a criação de novos formatos e tecnologias este movimento diluiu-se, como sugere José Antônio dos Santos (2011) em sua *Arqueologia dos Jornais Negros no Brasil*, nos novos meios de comunicação de massa e em uma sociedade cada vez mais midiaticizada. São novas e variadas produções que têm como cerne principal a luta contra o racismo, que por sua vez assume novas configurações à medida que os contextos sociais e culturais se transformam. Sendo assim, é possível encontrar uma produção negra na comunicação com formatos e linguagens diferentes, desde o cinema negro de

¹ Trabalho apresentado ao GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em comunicação e culturas contemporâneas na Universidade Federal da Bahia (UFBA) – Email: jonaspinheiro09@gmail.com.

Zózimo Bubul na década de 1970³, às novas blogueiras (os), youtubers e influenciadores(as) digitais. Veículos contemporâneos como a *Revista Afirmativa*, *Alma Preta*, *Correio Nagô*, *Geledés*, dentre outros, se acrescentam à luta histórica dos movimentos negros e bebem na fonte dos seus antepassados que utilizaram da comunicação para lutar contra opressões oriundas do racismo.

Essas mídias negras atuais se encontram diante de um contexto em que, por um lado, há uma maior possibilidade de atuação e de formação de identidades, devido aos avanços tecnológicos e de um cenário em que a sociedade se encontra cada vez mais em rede; e em que, por outro lado, há um fortalecimento de empresas que acumulam dados para fins de políticas neoliberais e tendem a aprofundar, através de uma mediação algorítmica, as desigualdades já existentes. O campo de estudos sobre os processos de acumulação da grande quantidade de dados gerados pelas relações digitais das novas tecnologias da informação e comunicação, tem sido chamado de *Big Data*. Sobretudo, por se tratar de algo relativamente novo, e que está numa constante mudança, uma série de estudos tem tentado dar conta destes processos que influenciam diretamente nos modos de vida em sociedade.

A internet, que por um momento acreditava-se iria democratizar o acesso aos meios de comunicação, transforma decisivamente nosso modo de vida. Evidentemente que estamos falando de um processo que não é uniforme, pelo contrário, é desigual, já que é impossível desvinculá-lo do capitalismo e suas consequências.

Esse processo tem feito com que grandes grupos econômicos se adaptem e criem novos paradigmas no neoliberalismo conhecido até aqui. Diante dessa série de processos correlatos, o objetivo deste artigo, para além de introduzir como as mídias negras contemporâneas se situam diante do cenário, é também pensar caminhos possíveis para estes meios de comunicação na era do *Big Data*.

³ Os debates acerca do cinema negro apontam para uma relação com o movimento do Cinema Novo, que na década de 1970 produz alguns filmes que tocam na temática racial. Um destes filmes é *Em Compasso da Espera* (1973), filme dirigido por Antunes Filho, e estrelado por Zózimo Bubul. No mesmo ano, Zózimo lança o curta *Alma no Olho* (1973), que vence prêmios nacionais e internacionais, sendo “tratado por ativistas e pesquisadores como pedra fundamental do cinema negro brasileiro” (CARIBÉ, 2017, p. 60). Outro destaque acerca do audiovisual citado por Pedro Caribé (2017) é a experiência na radiodifusão da TV da Gente, projeto liderado por Netinho de Paula, que, no entanto, não se consolidou e durou entre 2005 e 2007.

Os impactos sociais no contexto de acumulação e extração de dados

Acerca do *Big Data*, Shoshana Zuboff (2018) enfatiza que nos é “vendido” a ideia de que se trata de um processo que funciona como um rolo compressor inevitável e exterior à vida social. Seríamos então, apenas espectadores de uma mudança inevitável. Para ela, no entanto, estamos falando de um processo que é social, e devemos estudá-lo e compreendê-los através desta via, para entender sua origem e consequências para o nosso modo de vida. A pesquisadora defende que o *Big Data* é a principal matéria prima para a mais recente transformação no sistema capitalista, o qual ela vai chamar de capitalismo de vigilância.

Shoshana Zuboff (2018) enfatiza que para chegarmos até aqui, foi necessário que as relações sociais passassem cada vez mais a ser mediadas por computadores. “O aprendizado em tempo real, baseado em informação e mediado pelo computador, tornou-se tão endógeno para as atividades cotidianas dos negócios que os dois domínios já se confundem (...)” (ZUBOFF, Shoshana, 2018, p. 21). As consequências dessa maior capilaridade dos computadores, e do que ela vai chamar de *informatização* (um neologismo em inglês para unir informação e automatização) nos traz a um contexto em que “o mundo renasce como dados e o texto eletrônico é universal em escala e escopo” (*Ibid.* p.24).

Levando-se em conta os avanços tecnológicos, esse é um processo até então esperado. O problema, de acordo com a autora, é que juntamente com esse fluxo de informações, transformado em dados, são adquiridos, agregados, analisados, acondicionados e, por fim, vendidos de forma sigilosa, sem o consentimento de seus “donos”, no caso aqueles que produzem.

A autora vai chamar de *small data* as ações triviais dos usuários das plataformas digitais, e que de forma individual não fazem tanto sentido para as empresas, mas que agregados e analisados no *big data* são vendidos e utilizados para potencializar a receita com publicidade. Dentro do campo esse processo tem sido chamado de extração de dados.

Capturar e colher dados não é algo novo, a grande questão aqui, é a autorização ou não desses dados serem colhidos. O processo que a Google, e plataformas similares fazem, acontece de maneira unidirecional. “Para a Google e outros agregadores de *big*

data, no entanto, os dados são apenas *bits*. As subjetividades são convertidas em objetos que reorientam o subjetivo para a mercantilização” (ZUBOFF, Shoshana, 2018, p. 34). Na fase do capitalismo anterior, defende a pesquisadora, era necessário o mínimo de reciprocidade entre as empresas capitalistas e seus trabalhadores, também consumidores, como o aumento dos preços dos artigos proporcional ao aumento dos salários. Neste cenário, o Estado de direito é substituído por uma mão invisível onipresente, para além do que conhecíamos.

Ao contrário dos meios de comunicação em massa, não há escapatória neste contexto, ele está em ‘todos’ os lugares. Há a eliminação do contrato social presente no estado de direito das democracias liberais, derrubando os limites do privado e do público. Apesar de haver uma perspectiva do usuário receber algo em troca (serviços de e-mail, GPS, álbum de fotos), o capitalismo de vigilância opera na ignorância do público, e dentro das necessidades dos usuários.

Nick Couldry e Ulises Mejias (2019) vão chamar este mesmo processo de colonialismo de dados, uma continuação do processo do colonialismo histórico. Se neste último, o objetivo era conquistar e anexar territórios, recursos e corpos que trabalharam neles, o colonialismo de dados pretende capturar e controlar a própria vida humana através da apropriação dos dados que podem ser extraídos para fins lucrativos, o que os autores também consideram ser uma nova etapa do capitalismo.

Apesar dos autores enfatizarem que não têm intenção de fazer uma comparação entre colonialismo de dados e o colonialismo histórico, boa parte da teoria se centra neste debate. A caracterização do cenário do que chamam de colonialismo histórico deixa a desejar, e apesar do processo descrito ser rico e importante para o debate acerca do *Big Data* e desta nova fase capitalista, os autores recaem numa perspectiva colonial centrando seu debate no norte global, recaindo no que vou chamar de “armadilha colonial”. Se estamos falando de uma continuação do processo de colonialismo histórico, quem seriam os atuais colonizadores? Os países Metrôpoles (em sua grande parte do norte global) hoje estariam no mesmo barco que os países que passaram pelo colonialismo histórico? São questões que não possuem respostas, ou indícios delas, satisfatórias dos autores. Por isso, utilizaremos aqui ao se referir a teoria destes pesquisadores, o termo “colonialismo de dados” entre aspas.

Apesar de problemático, porém, eles nos trazem alguns pontos que nos são caros ao tema. Couldry e Mejias (2019) vão enfatizar que um dos fatores importantes para esta etapa do “colonialismo” é a infraestrutura de comunicação da sociedade em rede, sem esses avanços tecnológicos o *Big Data* não seria possível. Os indivíduos diante disso, se encontrariam em um momento em que não precisam necessariamente trabalhar para gerar valor ao capital, basta apenas participar da vida social.

No cenário de “colonialismo de dados”, outro aspecto fortemente afetado, de acordo com Couldry e Mejias (2019), são as formas de conhecimento social. Para os pesquisadores dentro do *Big Data* surge uma nova forma de conhecimento externa, que parece abranger todo o mundo social. A extração de dados e sua quantificação não é nova, mas sim a profundidade deste processo.

Para além destas coletas de dados, há uma grande questão que é a opacidade desta extração. Estes rastros de dados, que Shoshana Zuboff (2018) chama de *data exhausts*, os autores irão chamar de cache social, a parte fundamental para a dinâmica extrativa do “colonialismo de dados”. O marketing tem utilizado cada vez mais esses rastros deixados pelos usuários para “personalizar” anúncios, porém dentro deste processo não há diálogo com o consumidor.

Algo que não pode ser perdido de vista, no entanto, é que tanto as máquinas quanto os algoritmos são programados por pessoas. Há uma tendência a se crer, por estarmos falando de máquinas e números, que eles seriam neutros, porém um grande exemplo de que não são é o que tem sido chamado de racismo algorítmico. Tarcísio Silva (2020) ao conceituar o termo, acredita que os estudos sobre branquitude podem elucidar porque as máquinas reproduzem comportamentos racistas.

Para o pesquisador, há uma crença do senso comum na tecnologia como solução para os problemas sociais, no qual acredita-se que os computadores seriam neutros. Porém, essa visão deixa de apreender que as máquinas são programas por pessoas e reproduzem as estruturas de poder. Desta forma, a relação da vigilância atual, tem relação direta com o colonialismo histórico em relação às pessoas negras, daí então o racismo algorítmico. Couldry e Mejias (2019) também vão tocar neste tema, apesar de não o denominarem como racismo algorítmico.

Diante deste cenário um tanto apocalíptico, como então forjar caminhos de resistência? Estaremos fadados a este controle invisível? Como as mídias negras e

outras formas de organização de grupos subalternizados (mulheres, indígenas, população LGBTQIA+) podem transpor essas ferramentas de controle de poder que tendem a aumentar e aprofundar as desigualdades?

Indícios de caminhos e brechas possíveis

O processo de capitalismo de vigilância, ou “colonialismo de dados”, nos impõe uma série de desafios. É fato que ele tem alterado, e que apontamos rumo a um novo contexto de neoliberalismo em que o produto a venda são nossos dados. No entanto, como aponta Shoshana Zuboff (2018), esse processo tem raízes sociais, e para além de compreendê-los, contrapô-los requer olhar para este prisma. Portanto, o que defendemos aqui é que as mídias negras por si só, já seriam processos que buscam subverter essa lógica que reproduz desigualdades, tal como o racismo algoritmo apontado por Tarcísio Silva (2020). Como as mídias negras, outros veículos e movimentos sociais têm utilizado as ferramentas deste novo contexto para fazer emergir suas lutas.

Dos caminhos possíveis para que isso ocorra, a apropriação destas tecnologias da informação talvez seja um dos movimentos mais visíveis na luta de resistência política frente às desigualdades geradas pelo capitalismo de vigilância e “colonialismo de dados”.

Os veículos atuais de mídias negras, encontram no contexto de ferramentas proporcionadas pelas novas TICs uma maneira de contrapor um sistema estruturalmente forjado para negar direitos às populações e grupos subalternizados. Uma das questões que fez findar vários projetos editoriais deste segmento midiático se findar, foi justamente a falta de possibilidades e recursos para mantê-los. Hoje, as mídias negras encontram brechas neste cenário adverso, para fazer emergir suas identidades e sua luta social que é histórica, além de somar outras lutas, como a da população trans e *queer*. No entanto, é importante salientar, que isso não as coloca fora do cenário de dominação, e extração de dados, muito pelo contrário. Esta seria uma visão bem romântica do cenário que vivemos. Mas, é importante considerar que essa busca de brechas no sistema existe, e tem sido aproveitada por grupos resistentes, não só as mídias negras, mas em uma série de organizações que visam contrapor processos históricos de dominação.

REFERÊNCIAS

CARIBÉ, Pedro Andrade. AUDIOVISUAL NEGRO BRASILEIRO: POR UMA RECONSTRUÇÃO DA MODERNIDADE A PARTIR DOS DIREITOS AUTORAIS. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 9, n. 21, p. 52-63, fev. 2017. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/226>>.

Acesso em: 06 ago. 2019.

COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises Ali. **The costs of connection:** how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism. California: Stanford University Press, 2019.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **De pele escura à tinta preta** - a imprensa negra no século XIX (1833-1899). 197 f. Brasília: UNB, 2006. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, 2006.

SANTOS, José Antônio dos. Uma Arqueologia dos Jornais Negros no Brasil. **História**. Rio Grande, 2 (3): 143-160, 2011a, p. 143-160. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2615>>. Acesso em: 29 de jun. 2021.

SILVA, Tarcísio da. Visão computacional e racismo algorítmico: branquitude e opacidade no aprendizado de máquina. *Revista da ABPN*, v. 12, n. 31, dez. 2019–fev. 2020, p.428-448

ZUBOFF, Shoshana. **Big Other:** capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. In BRUNO, Fernanda ET alii (Org.) *Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem*. São Paulo: Boitempo, 2018